

'História "real" e história alternativa no filme Watchmen (2012)

José Gledson da Silva Moreira¹

RESUMO

O tema desta pesquisa é o filme "Watchmen" (2009), uma adaptação da graphic novel homônima, criada pelo escritor inglês Allan Moore, nos anos 80. O seu enredo se baseia na década de 1980, considerada alternativa, em que o medo de uma guerra atômica assolava a sociedade. A história de um grupo de super-heróis se mesclando com acontecimentos reais do período da Guerra-Fria. Este artigo busca analisar e compreender as relações entre a história "real" e história alternativa (ficcional) contida na película. Para tanto, adotaram-se referenciais teóricos e metodológicos da área de história e cinema. Conclui-se que a história alternativa ajuda a entender melhor a história real, ao possibilitar antever elementos insuspeitados desta.

PALAVRAS-CHAVES: Watchmen, História Real, História Alternativa, Distopia.

ABSTRACT

The theme of this research is the movie "Watchmen" (2009), an adaptation of the graphic novel created by English writer Alan Moore in the 80s. Its plot is based on the 1980 alternative, where fear of atomic war devastates society, the story of a group of superheroes mingling with real events of the Cold War period. This article seeks to analyze and understand the relationships between the "real" story and alternate history (fictional) contained in the film. Therefore, to adopt theoretical and methodological area of history and cinema. We conclude that in this work the countless possibilities of a fictitious history become a reality can really happen.

KEYWORDS: Watchmen, True Story, Alternate History, Dystopia.

O filme Watchmen é uma adaptação da graphic novel de mesmo nome, escrita pelo inglês Alan Moore e desenhada por seu compatriota Dave Gibbons, de grande sucesso mundial lançada pela DC Comics em 1986, o seu grande sucesso de crítica lhe rendeu o prêmio "Hugo", voltado para a literatura, algo inédito, pois, até então Watchmen foi a única revista em quadrinhos a conseguir tal façanha. Em seu enredo cheio de simbolismo e referências políticas, filosóficas e carregada de elementos da cultura pop do século XX, Watchmen retrata a sociedade em uma realidade alternativa (ou seja, uma outra visão da história real) onde os super-heróis além de tentar combater o crime também tem que lidar com os seus dilemas e suas crises tão humanas quanto eles mesmo.

Nesta realidade alternativa os EUA venceram a guerra do Vietnã graças a ajuda do Dr. Manhattan (o único herói com superpoderes) e com isto Richard Nixon (o então presidente dos EUA) é reeleito (que na história real este fato não aconteceu devido ao escândalo Watergate, um roubo a cede do partido democrata que findou na queda do presidente Nixon). E mesmo com a vitória contra o Vietnã o medo de uma Terceira Guerra Mundial assolava a humanidade, pois, EUA e URSS esforçaram-se ao máximo para acumular armamentos nucleares, enquanto vias se vão, de fato travam uma guerra ideológica pela hegemonia Mundial. O filme a ser analisado trate-se de

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará-UECE/ Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC email: slaine1978@hotmail.com.

uma “Distopia”, ou seja, o contrario da “Utopia” que na realidade seria um mundo perfeito e sem problemas, onde todos viveriam numa harmonia mútua.

O termo *graphic novel* (novela gráfica) inaugura uma nova classe de história em quadrinhos mais bem trabalhada, com uma linguagem adulta e voltada para aspectos como violência, sexo, problemas sociais, etc. Antes disso os HQs se remetiam (pelo menos os do Ocidente), apenas à distração e entretenimento do público jovem e infantil. Vejamos as palavras de Nicéia Cecília Ribas Borges Teixeira:

O norte-americano Will Eisner, considerado um dos artistas mais importantes dos quadrinhos e da cultura pop do século XX, não foi o primeiro a definir o sua obra como uma *graphic novel* como normalmente se acredita, já que Richard Kile originalmente usou o termo em uma publicação dos anos 60. Porém foi com a *Contract with God* (1978), sucesso de comercial e de crítica, que o termo se popularizou com um trabalho maduro e complexo, focado na vida de pessoas ordinárias no mundo real, Eisner usa o selo de *graphic novel* para diferenciar o seu trabalho dos tradicionais Comics, nome dado às revistas em quadrinhos nos Estados Unidos (TEIXEIRA; CORREA, 2009, p. 9)

O HQ *Watchmen* foi lançado em meados da década de 1980, quase no fim da Guerra-Fria e sua batalha ideológica, na qual o cinema foi de fundamental importância para divulgação dos ideais americanos, para combater o sentimento de frustração decorrente da derrota sofrida pelos EUA na guerra do Vietnã. O cinema Hollywoodiano nos anos de 1980 foi um grande criador e propagador de heróis de guerra que retornam a certos países comunistas (Vietnã e URSS, por exemplo) para resgatar seus compatriotas que ainda eram prisioneiros de guerra. E neste período surgem “Rambo”, “Braddock”, “Comando para Matar” e tantos outros heróis americanos, frutos de uma luta ideológica, e como afirmou o então presidente Ronald Reagan que, ser comunista significava pertencer ao “Império do Mal”.

O enredo do filme se dá quando Edward Blake (conhecido como o “Comediante”) um ex-vigilante que ainda trabalhava secretamente para o governo dos EUA, é assassinado por um de seus antigos parceiros de trabalho, Adrian Veidt “Ozymandias”, após descobrir um plano maquiavélico de seu ex-companheiro: explodir várias ogivas nucleares em diversas partes do Mundo para que com isso as superpotências se unissem contra um inimigo em comum “o Dr. Manhattan”, e com isso deixassem de lado as diferenças, trazendo a tona uma suposta era de paz entre as nações que beiravam uma 3ª Guerra Mundial.

Este artigo tem como foco analisar a relação entre a história real e a fictícia contida no filme de Zack Snyder, pois, apesar de ser uma adaptação dos quadrinhos para o cinema o diretor não modificou muita coisa, pelo contrario, está bem fidedigno aos quadrinhos.

O cineasta fez o que muitos consideravam impossível - não apenas transformou a brilhante história de Alan Moore e os traços clássicos de Dave Gibbons em um filme, mas manteve intactas suas ideias. *Watchmen*, afinal, é muito mais do que um gibi de super-heróis, é um universo de discussões sociais, morais, artísticas, bélicas, governamentais... humanas. A cada passo do projeto Snyder jamais esqueceu disso e aos poucos convenceu todos ao seu redor da importância desses temas para o universo que aquelas estranhas pessoas de colante (ou sem) habitam. É o tipo de filme que não se compromete filosoficamente, ainda que realizado dentro de um grande estúdio, como se fazia na década de 1970 (BORGIO, 2012)

Logo, na abertura do filme, Zack Snyder brinca colocando os personagens de *Watchmen* em

vários acontecimentos da história real tais como: O avião Enola Gay (que transportou as bombas atômicas que devastaram Hiroshima e Nagasaki causando a rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial) com uma imagem da personagem Spectral do lado de fora do avião; Uma referência ao famoso beijo de um marinheiro com sua amada na avenida Times Square em Nova York comemorando a rendição do Japão, sendo que aqui os personagens do beijo são duas garotas (Silhuete e sua namorada); Mais adiante temos o Dr. Manhattan visitando a Lua junto com Neil Armstrong e sendo cumprimentado pelo presidente Kennedy; Em seguida, John Kennedy é assassinado pelo Comediante que trabalhava secretamente para o governo dos EUA; Os anos de 1960 são também representados na abertura do filme com a aparição de Andy Warhol e seu famoso quadro com várias fotos em negativas de Marilyn Monroe que aqui (no filme) fora substituído por imagens do personagem O Coruja; Também não podemos esquecer a aparição do personagem Ozymandias nos anos 70, em frente a uma boate gay, onde este é visto cumprimentando Mick Jagger e David Bowie e logo em seguida o grupo Village People (um dos ícones do movimento gay nos anos 70); Para completar há uma referência ao famoso quadro da “santa ceia” de Leonardo da Vinci, que por sua vez é representado pelos próprios personagens do filme, fazendo uma alusão aos super-heróis por serem considerados, de um modo geral, os novos deuses a salvar a humanidade. Zack Snyder traça um panorama desde o pós-guerra, até os anos 80, sendo a história de vida de alguns personagens entrelaçada com grandes personalidades e acontecimentos da história real.

Outro fato curioso são os nomes de alguns personagens da trama que são referências a personalidades da história real, por exemplo: O nome de (Edward Morgan Blake) “O Comediante – O nome do Comediante, (...)”, é formado pela junção de três grandes ocultistas: Edward Crowley (mais popularmente conhecido como Aleister Crowley), Evan Morgan (discípulo favorito de Crowley) e William Blake (...)” (DELDEBBIO, 2011) ou do seu arque inimigo Edgar William Jacobi (também conhecido como Moloch, referência ao deus dos amonitas, descrito nos textos da Bíblia no Antigo Testamento). Portanto, encontramos algumas das influências do escritor e criador de Watchmen Alan Moore, que se declara abertamente um ocultista. Todo artista em geral, tanto escritores, músicos, cineastas, poetas, dentre os vários tipos, sempre colocam em suas criações um conteúdo consciente ou inconsciente de suas influências e características “o que importa, porém, é de onde vêm essas histórias e quem as escreve, pois elas são veículo de mensagens ideológicas e de crítica social, explícita ou implicitamente.” (BIBE-LUYTEN, 1987.p.7.) Mas, não podemos esquecer que isto também não se aplica como uma regra, pois, o conceito de arte é bem mais amplo.

Desta maneira, como diz o próprio Alan Moore no documentário “The Mindscape of Alan Moore” o artista não deve dar o que o seu público quer, mas sim o que ele precisa. Usando a arte com uma arma ideológica para conscientização ou suplantar as necessidades do seu público, talvez esta tenha sido a função de Watchmen nos anos 80.

A relação entre história real e fictícia no filme é muito notável, os diretores de cinema e literatos, diferentes dos historiadores (estes últimos para poder escrever a história necessitam de fontes e pistas) tem a chamada liberdade poética que lhes dá extrema liberdade para criar uma história (e no cinema esta liberdade se torna cada vez mais ampla), independentemente se o artista usa fontes ou não. Não esquecendo que os homens são produto do seu tempo, e esses sofrem influência deste. Vejamos, nas lembranças do Dr. Manhattan sobre a guerra do Vietnã durante o funeral de Eddie Blake, no dia das comemorações pela “vitória” dos EUA sobre o Vietnã, Manhattan está num bar com o Comediante e logo em seguida chega uma garota vietnamita falando a respeito de sua gravidez para o Comediante que, segundo ela, seria o pai de seu futuro filho, vejamos o diálogo:

Garota- “Sr. Eddie, agora a guerra acabou”. Temos que conversar sobre este bebê.

Comediante- Não há nada para falarmos. Vou esquecer você e essa droga de país quente e imprestável. Cai fora daqui.

Garota- Não. Você vai se lembrar. Vais se lembrar de mim e do meu país para sempre!” (SNIDER, 2009)

Logo após esse diálogo a garota vietnamita atinge o rosto de Blake com uma garrafa e lhe deixa um corte no rosto, que futuramente será uma cicatriz, se tornando eterna sua face. Esta cicatriz talvez represente a amarga derrota dos EUA contra o Vietnã, que até hoje não foi esquecida pelos americanos. Todavia, um dos meios para tentar superar esta “vergonha” foi o uso do cinema com seus inúmeros filmes mostrando o mundo socialista como um verdadeiro mal a ser combatido pelos suposto heróis americanos criados por Hollywood.

O Comediante é uma boa representação deste “herói” americano, ele é o único personagem de *Watchmen* que contém em seu uniforme, símbolos que representam a bandeira americana, não foi por acaso. Blake é considerado um personagem arrogante e ambicioso, não medindo esforços para conseguir o que quer, uma representação da imagem dos EUA, em tempos de guerra fria, que explorava e manipulava os países do **Terceiro Mundo** para alcançar seus objetivos. Na história real os Estados Unidos perdeu a guerra do Vietnã, mas, nesta realidade alternativa, graças a um deus (Dr. Manhattan), criado num acidente pela ciência, eles venceram. Percebe-se, desta forma, como um bom exemplo de liberdade poética, entretanto, não deixa passar despercebido um pouco da história real que se entrelaça com a ficção.

Como foi dito no início deste artigo, os acontecimentos ocorridos em *Watchmen* se passam em uma realidade alternativa, que podemos classificar como sendo uma “Distopia”, que nas palavras de Graciela Ravetti: “Distopia denomina o oposto, ou sua consequência obrigatória: o mundo atroz das ilusões contrariadas, a cara obscura do paraíso, o lugar onde a miséria mostra sua superioridade e domínio diante das zonas formadas pelos sonhos e desejos.” (RAVETTI, 2005.p.54.) É exatamente este oposto de um mundo perfeito e “maravilhoso” que dá suporte a história de *Watchmen*, onde as ruas de Nova York estão repletas de corrupção, no qual prostitutas, mendigos, assaltantes, e loucos vagam pelas ruas segurando placas com inscrições como: o fim do mundo está próximo”, figuram uma sociedade que está à beira da destruição, que se propaga a cada dia, pelo medo de uma Guerra Nuclear. Neste clima de terror várias vezes vemos alguns dos personagens segurando jornais que mostram manchetes falando que a URSS está preste a colidir contra os EUA com seus mísseis atômicos. Nota-se o desespero de um futuro inserto como comenta o personagem Ozymandias: “Os soviéticos têm 51 mil ogivas estocadas. Mesmo que Jon (Dr. Manhattan) detenha 99% delas, o 1% que explodir pode matar tudo o que estiver vivo na Terra. O Dr. Manhattan é só um.” (SNIDER, 2009).

Mas, sequer o Dr. Manhattan, o único dos *Watchmen* que detém superpoderes, capaz até mesmo de alterar a própria “Matéria” não consegue salvar a humanidade, o que fazer então? Neste momento quando os poderes da ciência não pode suplantar o inevitável fim, entra em cena a “Mente” mais brilhante do mundo para elaborar um plano que pode salvar a humanidade, esta mente brilhante pertence a Adrian Veidt, mais conhecido pelo seu alter ego: Ozymandias. Que na realidade “é o correspondente grego de Ramsés II, faraó da décima dinastia, que (...) empenhou-se numa guerra extravagante contra uma coligação de estados asiáticos chefiada pelos hititas, gerou mais de 100 filhos e constituiu os maiores e mais imponentes edifícios do Egito.” (CASSON, 1969 *apud* TEIXEIRA, 2009. p.23). Este personagem é um bom exemplo da relação história real com a ficção, dois personagens de mundos e épocas distintas que aqui se fundem em uma só pessoa

através das ideias de conquistar e remodelar o mundo, como lhes convém. No entanto, percebemos o simbolismo que cerca este personagem, símbolos relacionados ao antigo Egito. Trataremos deste assunto mais adiante.

O plano traçado por Veidt é o que chamamos de discurso do “Bem Maior”, que por sua vez, consiste em alcançar a paz mundial sacrificando milhões de pessoas para salvar bilhões. Em seu plano, ele desencadeia algumas explosões atômicas de baixa intensidade afetando algumas regiões-chaves (Nova York, Moscou, Paris, Pequim, Los Angeles, etc...), fazendo com que o mundo pense que estes ataques foram proporcionados pelo Dr. Manhattan, e com isso unindo os povos contra um inimigo comum.

Por isso, é que o discurso de Adrian Veidt, consciente como de sua posição e responsabilidade como o homem mais inteligente do mundo, que observamos o drama heroico refletido na discussão ética da tradicional máxima maquiavélica (dos fins justificam os meios), bem como a sua percepção de um novo tempo. (TEIXEIRA; CORREA, 2009.p.12.)

Adrian Veidt é um empresário bem sucedido de sua época, líder de um império industrial multinacional, que traça seus planos e conquistas baseando-se nos ensinamentos seu grande ídolo inspirador: Alexandre da Macedônia, (e não mede esforços para obter sucesso). Em suas palavras: “Eu queria, precisava estar à altura dos feitos dele e apliquei ensinamentos da antiguidade no mundo de hoje. E iniciarei então meu caminho para a conquista. Não da conquista de homens, mas do mal que os assedia.” (SNIDER, 2009.)

Alexandre da Macedônia foi um dos homens mais influentes do mundo antigo. Aluno do Filósofo grego Aristóteles, Alexandre era um homem muito inteligente que construiu um império que foi desde o Egito e se estendeu até a Índia. O sonho de Alexandre era construir um mundo unificado, para isto ele não mediu esforços para conseguir concluir o seu sonho. De acordo com algumas lendas, Alexandre era descendente do próprio Zeus. E, de acordo com “a concepção divina que tinha de seu poder e de sua pessoa, Alexandre procurou dar ao seu império um caráter universal, fundamento este que Veidt busca em sua utopia futura.” Mas, mesmo assim, com tantas capacidades Alexandre não passava apenas de um homem. Isto justificado por Veidt como ele próprio diz no filme: “Eu não sou o homem mais inteligente do mundo, sou apenas bem informado”. Ele buscava a sabedoria dos antigos faraós, conquistadores e pensadores do mundo antigo, para superar as adversidades de um mundo moderno e obscuro. Talvez obscurecido pela decadência da modernidade, que nega e despreza tudo o que é considerado antigo, que supervaloriza o imediatismo e o consumismo exacerbado. Aqui podemos ver claramente no filme uma relação entre dois personagens de contexto e histórias diferentes, na qual Zack Snider mescla a realidade com a ficção. Veidt é considerado uma versão moderna de Alexandre, até mesmo no que diz respeito a sua sexualidade, ele se remete a Alexandre (sendo este último bissexual), pois, ele aparece na abertura do filme em frente a uma boate gay vestido como Ozymandias, sem a sua máscara e mostrando ao mundo a sua verdadeira identidade, seria isto uma alusão ao personagem “sair do armário” e se assumir como gay.

Para associar a imagem de Ramsés II, Zack Snider colocou a figura de Veidt envolto a diversos símbolos que representam o antigo Egito, desde seu uniforme, que contém o Olho de Hórus; um dos símbolos mais usados no Egito antigo e ainda nos dias de hoje, ele é representado pelo olho esquerdo (também conhecido como o olho que tudo vê, uma representação do próprio sol). A sua base de operações que fica na Antártica e se chama Karnak uma referência ao antigo complexo

de templos em homenagem ao deus egípcio Amon-rá (que no filme está repleto de imagens de personagens da antiga cultura egípcia) e até o animal de estimação de Veidt, uma lince alterada geneticamente, tem o nome de Bubastis (uma referência a antiga cidade homônima que era famosa pelo templo no qual cultuavam a deusa gato Basseti, e também se encontrava um cemitério sagrado de gatos), a figura de Ozymandias, notavelmente, é o personagem que mescla a história real e a ficção científica em *Watchmen*.

Ozymandias pretende então acabar com a ameaça nuclear e unir os povos, pondo fim à era de selvageria. Mais uma vez o seu discurso se relaciona à história de Alexandre Magno e o episódio do Nó de Górdio. De acordo com as profecias, quem o desatasse conquistaria todo o mundo. Alexandre por sua vez, simplesmente o corta, o que inspira o plano de Veidt. (TEIXEIRA; CORREA, 2009. p.17.)

Para que possamos compreender melhor o episódio do Nó de Górdio precisamos buscar a resposta na mitologia grega, mais uma vez, a uma relação entre a história real e a alternativa, vejamos como se dá o mito:

Conta-se que o rei da Frígia (Ásia Menor), morreu sem deixar herdeiro e que, ao ser consultado, o Oráculo anunciou que o sucessor chegaria à cidade num carro de bois. A profecia foi cumprida por um camponês, de nome Górdio, que foi coroado. Para não esquecer seu passado humilde ele colocou a carroça, com a qual ganhou a coroa, no templo de Zeus. E a amarrou com um nó a uma coluna, nó este impossível de desatar e que por isso ficou famoso. Górdio reinou por muito tempo e quando morreu, seu filho Midas assumiu o trono. Midas expandiu o império, porém, ao falecer não deixou herdeiros. O Oráculo foi ouvido novamente e declarou que quem desatasse o nó de Górdio dominaria toda a Ásia Menor. (...) Durante mais de 100 anos, o nó górdio desafiara todos os esforços de inteligentes reis e guerreiros. Até que em 334 A.C. Alexandre, o Grande, ouviu essa lenda ao passar pela Frígia. Intrigado com a questão foi até o templo de Zeus observar o feito de Górdio. No dia designado, o pátio encheu-se de curiosos. Todos haviam falhado, pensavam, e dessa forma, com que novo método poderia Alexandre ter êxito? A própria ideia de trazer para a nossa realidade conceitos e após muito analisar, desembainhou sua espada e cortou o nó facilmente em dois, desatando-o. Lenda ou não o fato é que Alexandre se tornou senhor de toda a Ásia Menor poucos anos depois. (MORAES, 2010.)

Aqui vemos uma maneira rápida e objetiva de se resolver um problema complicadíssimo com apenas um simples golpe, ou seja, Veidt usa este mito como um ensinamento para resolver a questão da Guerra Nuclear entre as superpotências mundiais. A própria ideia de trazer para a nossa realidade ensinamentos do mundo antigo, há muito esquecidos, além de fazer um contraponto como o mundo antigo e o atual, põem em cheque a nossa ciência moderna, que se choca contra o pensamento místico e religioso dos povos antigos. Esta mesma ciência e tecnologia que no século XIX, se auto intitula como a luz do mundo e a salvação da humanidade. No século XX, com a explosão de duas bombas atômicas no Japão, podendo ser classificada como sinônimo de “escuridão destruição” para a humanidade.

Como um novo faraó Ozymandias sonha em construir um mundo novo e cheio de paz (mesmo que esta paz se baseie em mentiras, pois o mundo jamais deverá saber o que na realidade foi o próprio Ozymandias que planejou e executou a morte de milhões de pessoas culpando o Dr. Manhattan por tal ato perverso), e para isto ele pretendia mudar o curso da História. Adrian Veidt parece ter obtido “sucesso”, mas, apesar de sempre haver conspirações para a tentativa de dominar o mundo, e de algumas dessas conspirações terem dado certo, pelo menos por algum tempo (O

nazismo foi um bom exemplo disto). Como nos mostra a historiografia, não se pode controlar o fluxo da História, pois, esta, se forma das relações humanas que, além de serem heterogêneas, sempre estão se organizando e se desfazendo, para se refazer mais a diante. Sendo assim, como uma Utopia poderia dar certo? Apenas na ficção científica (e mesmo assim no final do filme um dos redatores de um jornal sensacionalista encontra o diário de bordo do personagem Rorschach que revela quem foi o autor das explosões). Watchmen é uma história que se baseia numa, Dystopia, num mundo alternativo, caótico e sem esperanças de salvação.

Para que esta história “alternativa” se torne realidade em Watchmen, é preciso que alguns acontecimentos do passado sejam alterados. Isto está presente no decorrer da história no filme. Se algo acontece de outra maneira, com certeza este fato irá alterar os acontecimentos futuros. Está bem claro que esta ficção não é apenas uma criação qualquer, os acontecimentos estão relacionados à uma pergunta: “E se tivesse acontecido assim...?” Com isto, podemos perceber uma forte crítica que envolve esta pergunta. Pois, “A distopia (...) sempre foi um poderoso elemento de crítica. A sociedade opressiva, cuja essência a denuncia realista não pode absorver, recebe um crítica muito mais direta e uma negação ainda mais total por meio dessas complexas parábolas deslocadas.” (MIGUEL, 2005. p.211.)

As criações de histórias de ficção científica envolvendo super-heróis que, se mudando os acontecimentos do passado se alteram o futuro não é novo. Entre as décadas de 1970 e 1980, a editora estadunidense Marvel Comics, lançou algumas histórias envolvendo alguns de seus personagens em histórias alternativas. Estas histórias alternativas fizeram muito sucesso, rompendo com algumas normas que classificavam como deveria ser a figura de um verdadeiro super-herói. Seguindo este exemplo “(...) a Distopia passa para o campo da cultura de massa e é dotada de sinais positivos, como o verdadeiro sonho de libertação da humanidade”. (MIGUEL, 2005.p.212.). Influenciando milhares de novos artistas (desde os H.Q's e principalmente no cinema) nas décadas seguintes.

Antes disso, a figura do super herói estava relacionado com o padrão do “bom moço”, sempre disposto a se sacrificar para resolver os problemas da sociedade, mas em Watchmen este super-herói é apresentado como uma pessoa real, (saindo um pouco do imaginário da ficção e adentrando à realidade). E se realmente existissem os super-heróis, como eles seriam na realidade? Esta é a grande sacada de Watchmen, fazer com que o real se mescle ao fictício. Como fora citado, Zack Snyder soube elucidar muito bem esta questão, não podemos esquecer que a história real se mescla com a ficção logo na abertura do filme, onde os super-heróis (desde a década de 1940) estão envolvidos em alguns dos principais fatos da história real, e segue ao longo do filme com algumas lembranças e flashbacks vivenciados pelos personagens. Vejamos aqui um bom exemplo de como a história pode ser representada no cinema:

Entre as diferentes maneiras de mostrar a História no cinema, duas são dominantes: ou se faz uma montagem (de documentos, entrevistas, ou até mesmo fragmentos ficcionais considerados convincentes porque se tornam “fontes da História”), muita das vezes acompanhada de um comentário em *off*, que é repetido de forma demonstrativa pela estrutura dos enquadramentos e da montagem; ou o narrador desaparece, os homens e os acontecimentos falam por si mesmos, (...) Conforme os procedimentos (montagem, de arquivos, reconstituições ou ficções) utilizados para contar a história, a imagem se reveste de diferentes estatutos: ou é testemunha do passado ou o recompõe. Nos dois casos, a imagem tem um incontestável poder de evocação sincrética. (LANGY, 2000. p.20.)

Zack Snyder faz uma ponte entre a ficção e a História real, fazendo com que alguns dos personagens de *Watchmen* estejam sempre ligados aos grandes fatos históricos, tornando-os não apenas meros observadores, mas agentes transformadores da História, como por exemplo, o Presidente americano John Kennedy, sendo assassinado por um dos *Watchmen* (O Comediante), ou a petição do presidente Richard Nixon ao Dr. Manhattan para intervir na guerra do Vietnã (uma alusão ao que Nixon disse sobre lançar uma bomba atômica no Vietnã), visto que ele (Manhattan) é personificação da própria bomba atômica.

Ressaltando algo mais sobre o Dr. Manhattan. Jon Osterman (seu verdadeiro nome) era um jovem cientista em 1959, quando sofre um acidente, e fica preso dentro de uma câmara de energia nuclear, no qual é totalmente desintegrado. Dias depois ele ressurgiu com um novo corpo e super poderes, capaz até de manipular a própria matéria. Ficando conhecido como o Dr. Manhattan (uma alusão ao Projeto Manhattan que visava à construção da Bomba Atômica pelos EUA em fins da Segunda Guerra Mundial). Como o Dr. Manhattan é o único dos *Watchmen* que detém super-poderes, está em suas mãos salvar o mundo da destruição nuclear, mas como foi dito por Ozymandias “O Dr. Manhattan é apenas um”, ele não pode salvar toda a Terra da destruição. Se um deus criado pela ciência não pode salvar a humanidade de sua total aniquilação, talvez uma mente brilhante (como a de Ozymandias) pautada não na ciência moderna, mas nos ensinamentos do mundo antigo possa. Nota-se a disputa entre ciência moderna e os ensinamentos antigos.

O antigo e o novo se contrastam em *Watchmen* para moldar esta “fabulosa” obra em HQ que fora transferida para as telas do cinema. Assim, como o cinema, a grosso modo, pode ser chamado de a “evolução” dos HQs, e tem aperfeiçoado a maneira de construir uma história através das imagens. O mundo moderno não pode subsistir sem alguns ensinamentos do mundo antigo, como por exemplo, a filosofia grega, que foi a base para a formação da sociedade ocidental, isto é, o que a historiografia chama de “mudanças e permanências da História.” Assim, tomando por base estas premissas, o fictício em *Watchmen* ocorre em paralelo à realidade. Para que a ficção se faça presente, inicialmente temos que nos basear em um fato real para em seguida transformá-lo em algo surreal, ou seja, internalizamos o real para posteriormente exteriorizarmos o fictício, tomando por base, mais uma vez, Graciela Ravetti: “é o cinema, pelo menos naquelas primeiras décadas do século, não é a exterioridade por excelência? Não é a máquina perfeita de projetar ao exterior o inconsciente, o oculto e recalcado?” (RAVETTI, 2005. p.50.).

A cultura **pop**, emergente no século XX, se faz muito presente, pois, no filme aparecem alguns dos ícones da cultura pop e da **Contra Cultura** internacional: Mick Jagger, David Bowie, Village People, Andy Warhol, além de algumas grandes personalidades da política mundial, como Fidel Castro e John Kennedy. Na trilha sonora que segue uma linha cronológica do tempo, temos artistas como Bob Dylan, Simon & Garfunkel, Nat King Cole, Jimi Hendrix, Janis Joplin, K.C. & the Sunshine Band, etc., Porém, o mais interessante é que todas as músicas estão presentes em seu contexto histórico ou relacionadas às lembranças dos personagens do filme, nada é por acaso ou simplesmente por esteticismo. Tudo segue uma linha tênue entre o real e o fictício, pois “com a ficção, a arte, a escrita, é importante que, ainda que você esteja trabalhando em áreas da fantasia completamente diferentes, haja ali uma ressonância emocional. É importante que uma história soe real a nível humano, mesmo que nunca tenha acontecido”. (MOORE, 2006.).

O que impressiona em **Watchmen** - (...) é o cuidado que o longa tem com elementos estéticos da HQ, bem como algumas referências que continuam na obra cinematográfica, o tom de ironia dos personagens e da própria trama em si. Não à toa, Snyder confessou ter desenvolvido a direção do longa tendo a própria

graphic novel fazendo as vezes de *storyboard*, o que fica bem claro quando o filme apresenta ângulos e movimentos de câmera que reproduzem a fluidez da obra original. Já a fotografia e a direção de arte ganham elementos sombrios nesta adaptação, diferentemente das muitas cores presentes na obra original. O tom aqui é *noir*, também pelo medo e a paranoia de uma guerra nuclear - presente não somente nos anos 80, mas nos anos seguintes também -, que pairam a todo momento.” (Bitto, 2009.)

A diferença entre *Watchmen* e outros filmes de histórias alternativas, é a junção de fatos reais a uma história fictícia, pois, na maioria das distopias a história se passa num futuro próximo ou bem distante de nossa realidade. Tomemos como exemplo um dos maiores sucessos do gênero: **Matrix**. O enredo está repleto de símbolos e representações que vão desde o filosófico, político e até religioso. Entretanto, *Matrix* se passa num futuro distante, que talvez possa ou não acontecer. Já no caso de *Watchmen*, esta distopia ocorre justamente no tempo atual de sua criação, na década de 1980, ou seja, num período de grande crise econômica mundial, onde as pessoas viviam num mundo caótico e sem esperança de um futuro melhor. É nesse momento que nota-se a grande sacada de *Watchmen*, fazendo com que as possibilidades do imaginário se tornem uma realidade, assim como a existência dos super-heróis em nossa sociedade.

Se tratando do gênero do cinema de ficção este filme talvez seja um dos filmes que mais expresse que o ficcional possa se tornar uma realidade. Em um período do qual se predominavam incertezas, e onde pessoas diziam que o fim do mundo estava próximo. Este clima de extrema tensão entre os povos deu suporte para as possibilidades que regem a história, “a maioria da ficção científica distópica não trata realmente do futuro, e sim dos tempos nos quais ela foi escrita.” (MOORE, 2006) Não foi à toa que antes de se tornar um filme a *graphic novel* já era uma referência da cultura pop mundial em fins do século XX, não só no plano do entretenimento, contudo atuando também no que diz respeito às reflexões sobre a humanidade em questões éticas e filosóficas, como por exemplo no caso das grandes responsabilidades que os super-heróis carregam no desenrolar dessa história, além de tentar resolver seus problemas e dramas do cotidianos (este fato nos faz lembrar dos deuses da mitologia grega, que além de serem divinos também carregavam alguns aspectos da natureza humana, tais como, seus defeitos e virtudes). Isto é outro fator pertinente em *Watchmen*, mostrar a vida pessoal dos super-heróis, pois, antes disso, esta peculiaridade ficava à parte e quase esquecida, se tratando dos filmes de super-heróis.

Conclui-se em *Watchmen*, que são as inúmeras possibilidades de uma história que fora criada como uma ficção científica para se tornar uma realidade. Sendo esta, que nos deixa uma questão ainda sem resposta: Como seria o mundo se os super-heróis realmente existissem? A construção da história segue dois caminhos: o real e o alternativo, caminhos opostos, mas que se encontram na perspectiva de que o fictício possa ser uma realidade.

No final do filme temos o último argumento que reforça a questão das muitas possibilidades de algo extremamente improvável de acontecer, se tornar uma realidade. Vejamos agora uma conversa quando o dono de um jornal em Nova York discute com um de seus redatores respeito da falta de assuntos para se publicar, pois agora, com o mundo todo vivendo em paz não se tem mais notícias sensacionalistas:

Dono do Jornal- Seymour, não temos nenhum assunto para escrever. Todas as pessoas em todos os países do mundo estão de mãos dadas, cantando músicas de paz e amor. Está parecendo uma comunidade hippie global!

Seymour- Ronald Reagan diz que vai concorrer à presidência em 88. pode dar uma boa matéria.

Dono do Jornal- Seymour, não damos cobertura a absurdos. Isto ainda é a América! Quem aceitaria um Cowboy na Casa Branca? (SNIDER, 2009)

Logo em seguida quando o Dono do Jornal deixa Seymour escolher o que ele quiser para escrever, então ele encontra no meio da correspondência enviada ao “o Diário” de Rorschach que revela todo o plano da utopia de Ozymandias. E diferente da realidade alternativa de Watchmen, Ronald Reagan foi o presidente que governou os EUA no período em que a história de Watchmen acontece. Zack Snider termina o filme da mesma maneira que começou, mesclando fatos de nossa história real com supostos acontecimentos da história alternativa, mas, que, ele deixa em aberto à questão das múltiplas possibilidades contidas no universo de Watchmen.

Referências Bibliográficas, Fontes e Sites.

- BIBE-LUYTEN, Sonia. O que é história em quadrinhos. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BITO, Angélica. <http://www.cineclick.com.br/criticas/ficha/filme/watchmen-o-filme/id/2064>
- BORGO, Érico. A adaptação infilmável foi, enfim, filmada. Disponível em: <http://omelete.uol.com.br/cinema/watchmen-o-filme/>. Acesso em: 14/09/2012.
- CASSON, Lionel. O antigo Egito. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. *Apude TEIXEIRA; CORREA, 2009. p.23.*
- DELDEBBIO, Referências Ocultistas em Watchmen. Disponível em : <http://www.deldebbio.com.br/2011/03/21/referencias-ocultistas-em-watchmen/>. Acesso em: 14/09/12
- LAGNY, Michèle. Escrita fílmica e leitura da história. Cadernos de antropologia e imagens. Rio de Janeiro, v. 10, nº1, 2000.
- MIGUEL, Alcebíades Diniz. Tóquio Cyberpunk, IN: NAZARIO, (org.) A Cidade imaginária. São Paulo: Perspectiva, 2005, (Debates).
- MORAES, Paulo. Lendas Históricas - O nó Górdio e Alexandre, o grande. Disponível em: <http://apanaceaessencial.blogspot.com.br/2010/11/lendas-historicas-o-no-gordio-e.html>. Acesso em 14/09/2012.
- RAVETTI, Graciela. De Moscou a... Marte. IN: NAZARIO, (org.) A Cidade imaginária. São Paulo: Perspectiva, 2005, (Debates).
- SNIDER, Zack. Watchmen, the movie. EUA, 2009.
- TEIXEIRA, Níccia Cecília Ribas Borges; CORREA, Wyllian Eduardo de Souza. Watchmen e o discurso distópico do bem maior. 2009. Fenix revista de história e estudos culturais. Vol.6 Ano VI Nº 2. ISSN 1807-6971, Disponível em: www.revistafenix.pro.br
- VILELA, Túlio. Alexandre o grande: Como o rei da Macedônia construiu um império. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/historia/alexandre-o-grande-como-o-rei-da-macedonia-construiu-seu-império.jhtm> . Acesso em: 14/09/2012.
- VYLENZ, Dez. The mindscape of Alan Moore. Documentário. EUA, 2006.